

Gemas Orgânicas Amazônicas: perspectivas e desafios para a construção de uma moda sustentável.

Almira Alice Fonseca Araujo Martins

Email: almira@ufpa.br

RESUMO

Este artigo pretende ofertar ao leitor, de maneira clara e assimilável, conhecimentos sobre moda, meio ambiente e sociedade. Lançando foco sobre o estado do Pará, busca-se esclarecer questões complexas no tocante ao desenvolvimento sustentado. O artigo é baseado na pesquisa intitulada *Traços da Moda Amazônica: Questões sobre o desenvolvimento sustentável* e sistematiza o resultado da mesma com vistas a auxiliar estudantes e professores em futuras pesquisas, bem como servir de ponto norteador a profissionais do mercado da moda. O trabalho calçou-se em bases científicas para o estudo da moda e elucidou questões ligadas à utilização das gemas orgânicas amazônicas em biojóias e acessórios para maior compreensão ao que se refere a traços identitários amazônicos e sua relação com desenvolvimento sustentável do estado do Pará.

Palavras-Chave: Moda, Gemas orgânicas amazônicas, Amazônia, Desenvolvimento sustentável.

Amazonian organic gems: Perspectives and Challenges for a sustainable fashion.

ABSTRACT

This paper intends to offer the reader, in a clear and easy to understand manner, knowledge about fashion, environment and society. Focusing on the state of Pará, it clarifies complex matters about sustainable development. The paper is based on the research project named: *The use of Amazonian organic gems as a fashion element* and systemizes it's result intending to help students, and professors in future works, as well as to be a guide to professionals in the fashion business. The project supports itself in scientific bases for the study of fashion and intends to elucidate some matters that are linked to the use of Amazonian organic gems in fashion products, like clothes, "biojewels" and accessories, for a better understanding of the Amazonian culture and it's relation with the sustainable development in Pará.

Key-Words: Fashion, Amazonian organic gems, Amazon, sustainable development.

A pesquisa intitulada *Traços da Moda Amazônica: Questões sobre o desenvolvimento sustentável* buscou traçar um panorama do percurso que as gemas orgânicas amazônicas realizam desde a coleta na floresta até chegarem ao mercado de moda. Entenda-se por gemas orgânicas amazônicas, as “sementes” oriundas da flora amazônica voltadas para a construção de elementos componentes do arsenal vestimentar contemporâneo.

A principal inquietação com relação a aplicabilidade de gemas orgânicas amazônicas em produtos de moda, sobretudo moda praia era: se gemas orgânicas são elementos advindos da natureza como iriam se comportar em meios diversos ao seu *habitat*? Como reagiriam à água do mar, das piscinas, a componentes químicos como cloro ou detergentes para a lavagem das peças? E mais, se são elementos construtores de moda, de que forma estariam sendo retiradas das matas para suprir o mercado de moda? Que tipo de preocupações ambientais e sociais acompanhariam essa extração? Se são subtraídas *in natura* de seu habitat, qual o processo de colheita e beneficiamento? Que tipo de desdobramentos esses processos ocasionariam à natureza e ao homem? E ainda, se abastecem o mercado da moda do mundo, de que forma chegam a esses mercados. A moda está atenta a valores eco-socio-responsáveis quando utiliza as gemas orgânicas em seu discurso? Outras inquietações resultaram da experiência com as gemas orgânicas amazônicas ao avaliar as criações partícipes quanto a conhecimentos de moda e *design* imbricados nos produtos expostos. Uma delas foi à necessidade de embasamento teórico aos interessados em criar moda no estado do Pará, sejam artesãos ou *designers*. Mas além de oferecer aprimoramento à indústria da moda percebeu-se ainda a imprescindibilidade da associação entre moda e academia a título de formar e competencializar docentes para a transmissão dos conhecimentos que viessem oferecer suporte a essa área de saber. Em sendo o Pará o único da federação a não contar com cursos nesse setor, até então, esta pesquisadora tomou a iniciativa em redigir um *paper* intitulado *Moda e Academia*, enviado, em março de 2005, às duas principais instituições do estado: Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade da Amazônia (UNAMA). Esta última implementou, em 2006, o curso de Bacharelado em Moda.

Avanços relativos à Forma Moda se dão a partir de embasamento epistemológico. Ao investigar as gemas orgânicas amazônicas, buscou-se a construção

de conhecimentos que viessem sustentar discursos de moda de maneira eco-sócio-responsável.

Foca-se aqui a gênese das gemas orgânicas amazônicas enquanto componentes de produtos de moda comercializados em locais populares e ou turísticos de Belém, mas também vistas em lojas de aeroportos pelo Brasil e ainda em balneários sofisticados do sul e sudeste do país. A semente de açaí, por exemplo, antes resíduo descartado pelas milhares de moendas espalhadas pelo estado do Pará, a partir do estímulo da moda étnica, passou a freqüentar o comércio e conseqüentemente os corpos, não só de brasileiros, mas de estrangeiros também. A *Eutherpia*, palmeira amazônica produtora do açaí, um signo da identidade ribeirinha paraorara, completara seu ciclo com o advento da moda. Abundante na Amazônia alimenta o caboclo e enfeita o sujeito. Agora, do açaí, nada se perde.

DA COLETA FLORESTAL DE GEMAS ORGÂNICAS AMAZÔNICAS REALIZADAS EM COMUNIDADES DO ESTADO DO PARÁ.

Visando o bom andamento deste trabalho, a investigação *in loco* foi realizada durante os meses de dezembro de 2004 e junho de 2005. Esteve-se em reservas ambientais, complexos insulares como Combu e Marajó, fazendas agropecuárias, capitais de outros estados do Norte e municípios que pudessem espelhar a forte identificação do sujeito com as gemas orgânicas amazônicas.

A pesquisa cobriu todo o ciclo que percorrem as gemas orgânicas amazônicas até chegarem ao mercado de moda: coleta florestal realizadas em comunidades que não dispõem de técnicas para tal fim, coletas embasadas nos preceitos da sustentabilidade, armazenamento, beneficiamento e comercialização dissociadas da eco-sócio-responsabilidade, conversou-se com presidentes de cooperativas cuja finalidade são o aproveitamento das gemas orgânicas amazônicas para o mercado de moda e beleza, entrevistou-se acadêmicos *experts* nas áreas de cultura amazônica, sustentabilidade ambiental, pesquisa florestal, ação social e *design*. Estas entrevistas foram registradas em um DVD produzido pela Universidade Federal do Pará. A partir dos estudos no curso de pós-graduação em Cultura de Moda, Universidade Anhembi Morumbi aliado a conhecimentos pretéritos na área de design, desenvolveu-se uma coleção de acessórios compostos por gemas orgânicas amazônicas, produzidos e comercializados sob a ótica

da sustentabilidade. A coleção foi comercializada no Pólo Joalheiro em Belém, Pará e hospedada no site WWW.bolsamazonia.com, um consórcio que divulga produtos eco-sócio-responsáveis.

É importante revelar que a ciência ainda não chegou ao homem que retira as gemas orgânicas amazônicas das matas. Eles não conhecem técnicas de coleta seletiva, informações sobre educação ambiental, tampouco possibilidades de associação de seu produto à moda. Neste quesito, sofrem grande influência da mídia televisiva, especialmente novelas. As sementes são preparadas de forma doméstica cuja secagem é geralmente feita ao sol. Esses ribeirinhos elaboram colares, pulseiras e outros adornos utilizando mão-de-obra familiar. A leitura de tais peças é realizada segundo estética própria e repassadas aos turistas a título de *souvenirs*.

O objetivo aqui, no entanto, é lançar luz sobre o processo de beneficiamento das gemas orgânicas amazônicas da forma em que ocorre até os dias de hoje, bem como esclarecer em que medida conhecimentos técnicos relativos à Forma Moda poderiam resultar em produtos mais “palatáveis” ao mercado de moda.

DO BENEFICIAMENTO DAS GEMAS ORGÂNICAS AMAZÔNICAS REALIZADA NO ESTADO DO PARÁ.

Como o foco da pesquisa era o estado do Pará, não se buscou aprofundamento quanto ao beneficiamento das gemas orgânicas, realizado no Amazonas. Apenas em Belém se pode observar *in loco* o tratamento que as gemas orgânicas amazônicas recebem até chegarem ao comércio.

O bairro da Terra Firme, em Belém – Pará, foi o local visitado por concentrar a maior parte de beneficiadores na área metropolitana. Este bairro é resultado de invasões urbanas muito comuns na capital paraense há doze ou quinze anos. Estimuladas por políticos em busca de votos, as ocupações desordenadas e ilegais traçaram um perfil medonho à periferia da capital paraense. O aval político aliado ao *déficit* habitacional urbano adentrava inclusive terras públicas como é o caso de terrenos pertencentes à União destinados a expansão acadêmica. As invasões que geraram o bairro da Terra Firme fizeram com que se estendesse até a Av. Perimetral da Ciência que margeia a Universidade Federal do Pará, Centro de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade Federal Rural da Amazônia e Embrapa. Com isto a avenida jamais pode

chegar a ser concretizada como projetada, uma vez que os casebres tomaram as faixas reservadas à duplicação e canteiros da via. É nesse conglomerado formado por muitas estivas e palafitas de madeira que se encontram algumas “oficinas de beneficiamento de gemas orgânicas amazônicas.”

A beleza dessas gemas resplandecentes em objetos de moda adornando bolsas, cintos, sandálias, vestuário e biojóias, contrasta com a realidade da Terra Firme. Comercializadas em lojas de aeroportos, sofisticadas joalherias ou pontos turísticos de Belém, as gemas orgânicas amazônicas são incrustadas em ouro e prata ao lado de pedras preciosas. Essas mesmas gemas amazônicas hoje retiradas das florestas de forma ambientalmente duvidosa, protagonizam cenas dantescas nas tais “oficinas de beneficiamento”. Jovens, quase crianças ainda, manipulam fungicidas, brocas e serras elétricas no processo de transformação da mata em moda.

Dos tortuosos furos formadores da peculiar geografia Hiléia às tortuosas ruazinhas que levam às oficinas de beneficiamento da Terra Firme, as gemas orgânicas amazônicas percorrem longo caminho acondicionado em sacos de aninhagem ou plástico, pesando mais ou menos 30 kg. Espécies florestais destinadas ao comércio da moda e do artesanato chegam à Terra Firme em estado bruto. Após atravessarem os rios amazônicos e passarem pelo beneficiamento, seguirão seu curso já em *containers* rumo ao mercado de moda paraense e do centro-sudeste-sul do Brasil. Porém antes de alcançarem o destino final Jupatis, Murucis, Paxiúbas e tantas outras, secam ao sol espalhadas em grandes girais de madeira, ali mesmo, no meio da viela.

No entanto, não se pode dizer que os chamados “beneficiadores de sementes” não sejam criativos e habilidosos. Por engenho próprio, inventaram “máquinas” de beneficiar. Uma delas une motores de enceradeira a brocas apropriadas para uso odontológico a fim de perfurarem as gemas que chegam *in natura* às oficinas.

Outra “máquina” imprescindível ao processo fabril é o “rola”: Uma lata grande que servira para acondicionar manteiga, por exemplo, é adaptada a um motor e “recheada” de cacos de vidro e pedras de vários tamanhos. O “rola” recebe as sementes em estado bruto e, através de movimentos circulares, retira as camadas superficiais do “caroço”, uma espécie de “pelo vegetal” que recobre externamente a semente.

Já com aspecto liso, as gemas seguem para o forno de fogão doméstico. O “ponto” de secagem é monitorado com base na experiência do beneficiador. Não podem ficar tão secas a fim de não se partirem aos furos por onde passarão os cordões, nem tão úmidas por conta de fungos e insetos que certamente surgirão antes de comercializadas.

No entanto é o “setor de furo e serragem” que emprega a mão-de-obra “mais especializada”. Em locais mal iluminados e sem exaustão, as gemas orgânicas amazônicas são manipuladas, furadas e cortadas com serras elétricas apropriadas à marcenaria. Dedos nus e incrivelmente ágeis seguram sementes de pouco mais de 3 cm ao serem cortadas em serras de altíssima rotação pensadas para largas pranchas de madeira. As sementes milimétricas como Açaí, Tento ou Saboneteira, exigem dedinhos também menores. A intenção é furar o maior número de sementes no mais exíguo tempo possível uma vez que o pagamento é atrelado à produção.

Após essa etapa, são “fungicizadas” por gestos inábeis e olhos atentos. Sem luvas ou qualquer outra proteção adequada que lhes cubra o rosto e corpo, jovens rapazes providenciam a aspersão química adicionada a poções caseiras. A nuvem tóxica voa ao sabor do vento alcançando transeuntes e a água que corre pelos canais que entrecortam o bairro.

As demarcações que vão do tipo de corte à quantidade de furos, podem ser simples ou sofisticadas dependendo da encomenda de artesãos ou *designers* oriundos do mercado interno e externo. O polimento é a última etapa, antes de serem comercializadas a quilo ou unidade ou ainda aplicadas em acessórios criados pelas famílias dos próprios beneficiadores.

Todo esse processo, da *gênese* ao *apocalipse* é de conhecimento de pessoas que se encontram em pontos-chaves de setores da esfera governamental, acadêmica e social. Muitos dos demandantes vão buscar suas peças nessas oficinas, ou convidam beneficiadores para participarem de eventos institucionais. Para este elo da cadeia pela qual passam as gemas orgânicas amazônicas também se elaborou um questionário, no entanto este foi desprezado uma vez que a visita às oficinas demonstrou que os beneficiadores desconhecem ou ignoram preceitos de respeito ao meio ambiente ou ao ser social. Os procedimentos a base de defensivos químicos que utilizam unidos a poções domésticas na tentativa de fungicizar as gemas orgânicas amazônicas, o armazenamento em local insalubre e as condições fabris averiguadas, demonstraram claramente que essa noção não faz parte das preocupações daqueles pessoas, pelo simples fato que questões relativas a ecologia e humanidades estão dicotomizadas da realidade na qual estão submersas. Ruelas pelas quais escorrem esgotos a céu aberto, casebres sobre estivas, vizinhos cujos filhos freqüentam as páginas policiais ou engravidam aos doze anos não formam um universo onírico onde se possa poetizar sobre o quão justo deveria ser o mundo. Para esses grupos, as gemas orgânicas

amazônicas significam mais que colares, pulseiras ou biojóias associadas a metais nobres e pedras preciosas, elas representam “comida no prato”.

DA CONFECÇÃO À COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS COM AS GEMAS ORGÂNICAS AMAZÔNICAS REALIZADA NO ESTADO DO PARÁ.

Outro ponto da pesquisa foi investigar os desdobramentos que as gemas orgânicas amazônicas alcançam na confecção de produtos de moda. Apesar dessas gemas orgânicas freqüentarem objetos para decoração como mandalas e miniaturas, embalagens para produtos que tenham perfil amazônico e ainda a medicina, cosmética, perfumaria e fitoterapia, para citar alguns casos, busca-se aqui a aplicação das gemas orgânicas amazônicas exclusivamente em vestimentas, acessórios e biojóias, que possam auxiliar na construção vestimentar do sujeito contemporâneo.

Mesmo sendo o Pará o foco principal dos estudos, as viagens a outros estados da Região Norte, bem como a participação e visitação a feiras e espaços públicos no Amazonas produziram experiências que se julga pertinente citar, quanto à comercialização de produtos elaborados a partir dos supracitados insumos.

Em Parintins quando da visitação à Feira do Artesanato Indígena, por ocasião do Festival Folclórico de Parintins, notou-se que as peças são essencialmente puristas. Não utilizam fios de nylon, nem qualquer metal, resina ou outro tipo de gema, mesmo que mineral, na feitura das peças. Os colares, braceletes e cintos têm o fechamento em um tipo de fibra trançada em fina corda. Acredita-se ser esse arranjo proveniente das palmas do Buritizeiro ou Inajazeiro, espécies florestais abundantes naquela região. Nota-se a presença maciça de duas gemas orgânicas: o Morototó e o Muru-muru, fazendo as vezes de miçangas naturais. A grande maioria dos colares pulseiras ou braceletes são construídos em trançados que formam grafismos em cores escuras. A presença da plumária é uma constante. As índias jovens ou nem tanto, elaboram as peças ali mesmo na presença do público enquanto os homens comercializam a produção, de forma ortodóxica. Não oferecem qualquer informação sobre as peças com o mote de não se expressarem bem em português. As mulheres dedicam extrema concentração ao trabalho e ignoram a aproximação de transeuntes. A medida em que vão fabricando os objetos, os experimentam nos próprios pescoços, braços e pernas geralmente pintados

com sofisticados grafismos negros ou vermelhos, cuja base é a seiva do jenipapo ou urucum transformada em tinta (Tesaura da Cultura Material dos Índios do Brasil). Algumas usam cacos de espelhos outras a opinião de seus pares como orientação quanto ao resultado estético dos enfeites. Não se sabe se têm o objetivo de produzirem objetos exclusivos, porém não se observou peças idênticas entre as ali confeccionadas ou já dispostas à venda. Esse tipo de artesanato não constitui uma opção de consumo da população local ou mesmo da capital, Manaus. Apesar do apurado grau de qualidade quanto à manufatura, aqueles produtos são entendidos apenas como “artesanato indígena” inconsistentes com a construção do texto visual cotidiano “civilizado”. Por outro lado, os adornos são alvo de turistas. Cariocas, paulistas, cearenses ou goianos adquirem as peças “para levar como lembrança”, enquanto europeus e norte-americanos as compram em grandes quantidades e algumas pessoas os integram ao seu conjunto vestimentar.

As gemas orgânicas amazônicas comercializadas no Mercado Público de Manaus seja a granel ou em arranjos prontos, são tidas pelo consumidor cosmopolita manauara como item extremamente popular dicotomizado de qualquer sofisticação possível. As pessoas oriundas de classes economicamente desfavorecidas também não buscam aqueles acessórios para uso próprio, por considerarem regionalizados e apropriados apenas a *souvenirs*. O olhar lançado às gemas orgânicas amazônicas pelo consumidor cosmopolita é essencialmente o de produto “para turista”. Durante a Feira Internacional da Amazônia realizada em Manaus em 2004, quando essa pesquisadora representou o Grupo Moda Pará pelo SEBRAE, recebeu convite de universidades particulares por meio dos cursos de Comunicação e Turismo, para relatar sua experiência quanto a utilização das gemas orgânicas amazônicas na construção do arsenal vestimentar contemporâneo. A expressão dos visitantes do estande Moda Pará era de surpresa ao constatarem o uso de gemas orgânicas amazônicas em cordões, colares e braceletes agragadas a cascalhos de rocha, cristais e outros elementos onde o *design* era o principal elemento que configurava um resultado moderno às peças. A frase mais ouvida era: “Nem parecem sementes!”.

A coleção desenvolvida a título de objeto de pesquisa denominou-se “Rios da Amazônia”. Era composta de acessórios produzidos com gemas orgânicas amazônicas e outros materiais. A essas peças aliaram-se conhecimentos de moda e *design* buscando um resultado contemporâneo. O produto alicerçava-se ainda em conceitos de eco-sócio-responsabilidade. Para tanto eram confeccionadas apenas com gemas orgânicas

amazônicas colhidas de forma ambientalmente correta e preparadas de maneira cientificamente testada no laboratório de sementes florestais da EMBRAPA, onde a engenheira Noemi Leão realiza suas pesquisas. Buscou-se mão-de-obra proveniente de projetos sociais governamentais, selecionando jovens estudantes habitantes de áreas economicamente desfavoráveis. Antes do processo fabril propriamente dito as jovens recebiam noções de educação ambiental, bem como conhecimentos de combinações cromáticas, ergonomia e conforto das peças, adequação ao uso e acondicionamento do produto acabado. Elas produziam por três horas, sempre no turno oposto a seus estudos. recebiam alimentação, transporte e remuneração. Feitas as peças, essas foram catalogadas, fotografadas e disponibilizadas para comercialização via *e.comerce* e em um espaço turístico institucional local. A comercialização via *web* foi realizada por meio do site www.bolsamazonia.com, um consorcio amazônico que visa o desenvolvimento de negócios sustentáveis para o século XXI. Por outro lado, a comercialização local se deu na Semana de Artesanato do Pólo Joalheiro – Espaço São José Liberto e em um evento Internacional chamado Mercado Floresta, ocorrido em São Paulo.

A produção disponibilizada ao Pólo Joalheiro – Espaço São José Liberto durante o supracitado evento foi toda comercializada, então novas peças foram enviadas com o mesmo fim, no entanto ocorreu algo curioso. A responsável pela seleção dos objetos comercializados no Pólo Joalheiro – Espaço São José Liberto, solicitou que essa pesquisadora retirasse os produtos, uma vez que os artesãos que ali também vendiam, haviam procurado a direção geral do Pólo Joalheiro – Espaço São José Liberto “exigindo que apenas eles mantivessem ali sua produção ‘purista’ ”. O motivo alegado era que os produtos elaborados por esta pesquisadora, incluíam cristais e cascalhos de rocha o que descaracterizava o perfil “!ndígena” das peças, exigido pela curadoria do espaço. Mesmo com a argumentação de que a exposição dos produtos eram elementos fundamentais para o resultado final de pesquisa acadêmica; que cristais de rocha também são gemas porém de origem mineral, portanto advindas da natureza; que o produto agregava valor material ao valor imaterial da sustentabilidade apresentando a identidade amazônica de forma contemporânea calcado em técnicas de *design* e conhecimentos de moda e ainda que os queixosos não levavam o purismo de forma holística em suas peças já que suas bases eram fios de silicone ou nylon, essa pesquisadora não obteve êxito em seu pleito retirando os acessórios daquele ponto. Após algumas semanas de volta ao Pólo Joalheiro – Espaço São José Liberto, constatou-se que as vitrines estavam repletas de cordões, colares, pulseiras e braceletes

associando gemas orgânicas amazônicas à cascalhos de rocha e cristais, elaborados pelos mesmos artesãos que alguns dias antes haviam solicitado a retirada das peças já citadas. Essa pesquisadora observou ainda a dificuldade que alguns tinham em agregar esses novos materiais às gemas orgânicas amazônicas resultando em objetos alienígenas.

Quanto aos produtos comercializados via *web* a procura foi tímida, porém o que mais chamou a atenção foi a demanda centrada, quase que exclusivamente, no consumidor europeu, norte-americano ou de organizações como o *Green Peace*.

Percebeu-se, no entanto que o e-commerce é prática usual para oferta de gemas orgânicas amazônicas para o mercado de atacado. O site www.rededesementes.com.br oferece as gemas em anúncios bem estruturados. Notou-se que os empresários tem uma percepção bastante clara da importância da eco-socio-responsabilidade como suporte dos produtos. A grande maioria grifa isto em seus discursos de marketing, porém, o que a pesquisa demonstrou foi um discurso absolutamente dissociado da prática sustentável.

CONCLUSÃO

Na bandeira do Brasil, a estrela que representa o estado do Pará é a maior de todas. É aquela em destaque e única acima da faixa onde se lê grafado “ordem e progresso”. A informação iconográfica estampada no símbolo pátrio, representa o desenho astronômico celeste em 15 de novembro de 1889, dia da Proclamação da República do Brasil. O Pará estrela acima da faixa que significa a Linha do Equador está ali representado por ser, a época o único estado brasileiro geograficamente existente acima do paralelo equatoriano, uma vez que o hoje estado de Macapá, na ocasião ainda fazia parte do território paraense. *Spica* estrategicamente posicionada em patamar mais elevado, apartada do país apenas no símbolo pátrio, mas tão brasileira quanto todas as outras estrelas que formam esta imensa nação verde e amarela. Da colonização lusitana hibridizadora de raças sob a mesma abóbada celeste, nasceu um povo orgulhoso do solo que lhe serve de berço, “não um chão qualquer, mas um chão especial” como professa João de Jesus Paes Loureiro, poeta maior na tradução da alma ribeirinha.

Após tantos recortes e entrelaçamentos em busca de saberes que pudessem gerar conhecimentos capazes de agregar valores caros à cultura da moda, foram as gemas orgânicas amazônicas que serviram de fio condutor para se entender que as distâncias

amazônicas peculiares ao estado do Pará, não são obstáculo para o desenvolvimento de seu povo.

Compreende-se ainda que a missão de levar o estado a outro patamar de crescimento não cabe apenas aos governantes por meio da implementação de políticas públicas, mas passa necessariamente pela educação acessível a todos. Só o conhecimento é capaz de conduzir o homem a degraus superiores promovendo avançados que levem a sustentabilidade econômica alinhada à justiça social e ao respeito ao meio-ambiente. A universalidade da moda quando calcada em estratégias bem montadas é capaz de permitir o exercício da eco-sócio-responsabilidade.

A preservação ambiental é fundamental para a sobrevivência do planeta. O respeito a biodiversidade amazônica também. No entanto como disse a Professora Doutor Nazaré Imbiriba “não podemos esquecer que dentro da mata existe gente”. Sujeitos guardiões de saberes ancestrais alicerces de sua cultura. Pessoas com os mesmos direitos à felicidade que qualquer outro brasileiro. Nesse cenário é imperativo que se dote o homem amazônida de ferramentas que aliadas as suas experiências pregressas o permita “deixar a floresta em pé”.

A verticalização de recursos florestais não madeireiros focando a subsistência digna “dos povos da floresta” calcada na ética, podem se traduzir em pesquisa científica partícipe de políticas públicas específicas. Essa união de esforços se configura como o único caminho viável para que se concretize o discurso sócio-ambiental atrelado a resultados economicamente significativos.

Desta forma, respeito ao *filos* amazônico concomitante a educação e a pesquisa aplicada as reais necessidades humanas, se configuram em ferramentas capazes de seduzir esse sujeito a vislumbrar um futuro possível para a Hiléia.

As gemas orgânicas amazônicas guardam um enorme potencial estético na construção vestimentar do sujeito contemporâneo, no entanto essas possibilidades se diluem na coleta empírica e desordenada, a manipulação nociva ao meio-ambiente e ao homem e no engessamento da ascensão social da mão-de-obra que tradicionalmente trabalha com “as sementes”.

A história denuncia que a semente utilizada na decoração corpórea sempre fez parte do arsenal estético dos indígenas brasileiros. Mostra ainda que exerciam e exercem importante papel na cultura material desses povos, servindo-lhes de base que uniam a vida à morte. Desde alimentos, passando por seivas cromáticas de identificação

tribal, instrumentos musicais parceiros da crença ou da festa, chegavam a integrar poções letais friccionadas nas pontiagudas e certeiras flechas.

A Contracultura negou os valores culturais vigentes na década de 60/ 70 trazendo as “sementes” para o arsenal vestimentar cosmopolita através do movimento hippie, cujo ideário pregava experiências sensoriais extremadas possibilitadas inclusive pela integração *homine natura*.

O Japonismo dos anos 80 trocado pela maneira *Yuppie* de demonstrar *status* retiraram as sementes da moda. Essas só se faziam presente no artesanato hippie comercializado em praças públicas e balneários ou em *souvenirs* direcionados à turistas especialmente quando em visita à Amazônia.

O fenômeno da globalização que tornou o mundo portátil cabendo inteiro e em tempo real na tela do *laptop* ou do celular, despertou também uma forte necessidade no sujeito de firmar traços culturais que o salvasse da homogeneização do século XXI.

No entanto a moda é pró-ativa, percebe os desejos humanos ao menor sinal de manifestação e está sempre pronta a possibilitar que esse sujeito contemporâneo se expresse por meio de seu texto visual, inclusive. Desta feita, estilistas foram buscar inspiração em fontes ancestrais e a “moda étnica” lançou luz novamente sobre as gemas orgânicas amazônicas. O Brasil percebeu que traços identitários poderiam ser significantes diferenciais mercadológicos. Assim aliou valores imateriais como a riqueza multicultural nacional a conhecimentos em moda e *design* a fim de conquistar novas fronteiras cada vez mais acessíveis ante a virtualidade pós-moderna. Fundamentada em valores caros a núcleos sociais politicamente corretos, empresários passaram a utilizar a responsabilidade socioambiental como insumo em produtos advindos da natureza, incluso as gemas orgânicas amazônicas materializadas em acessórios e biojóias. Focado no desenvolvimento estadual o Pará traçou políticas locais alinhadas a nacionais de onde surgiu o Pólo Joalheiro – Associação São José Liberto na intenção melhor aproveitar o potencial mineral e cultural paraense traduzido em jóias e artesanato.

O artesanato histórico-culturalmente ligado a classes populares “via-se na praça todo o artesanato da cidadezinha”(Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa), no entanto reúne em si finos saberes, apuradas técnicas e exímias habilidades. A sapiência do ceramista marajoara Mestre Cardoso é conhecida em todo o mundo, a cestaria culturalmente produzida por ribeirinhos encerra imbricados trançados nascido de complexos saberes. A ciência embutida no artesanato brasileiro certamente desabrocha

em peças de beleza ímpar. O desafio é alinhar tais produtos às expectativas do consumidor contemporâneo integrando-as ao cotidiano desses não apenas a título de *souvenirs* que após pouco tempo são descartados como quiquilharias, porém representativos da cultura material de um povo competente na união bem-sucedida do antigo ao novo.

Com relação às gemas orgânicas amazônicas partícipes do discurso vestimentar do sujeito contemporâneo, concorda-se com a propositura da inclusão do *design* nesses arranjos uma vez que ele pode se apresentar como neo-elemento.

O desafio é transpor as gemas orgânicas amazônicas da condição de elementos dispostos em objetos exóticos e populares à de integrantes habituais do arsenal de adornos com os quais o cyber-sujeito constrói seu discurso.

Ligar às gemas orgânicas ao *design* portanto não é suficiente para fazê-las freqüentar corpos habituados a adornos sofisticados, luxuosos ou diferenciados pela marca que ostentam. Para as classes sociais que compõem o topo da pirâmide social onde estão mentes esclarecidas quanto à importância da questão sócioambiental na direção de avanços sociais, é imperativo que as gemas orgânicas amazônicas sejam ligados a valores imateriais que presenssifiquem a identidade regional de modo eco-sócio-responsável.

Acredita-se ainda que um dos caminhos para o melhor posicionamento mercadológico das gemas orgânicas amazônicas em componentes de moda, seja a competencialização de artesãos e até de *designers* em conhecimentos que envolvam a pesquisa em cultura da moda, as questões ambientais e a realidade social de todos os elos que formam a cadeia produtiva pelas quais passam essas gemas.

Pensa-se que a viabilização de tais conhecimentos aliados às peculiaridades dos tesouros paraenses formados pelo imaginário ribeirinho, por saberes ancestrais e por geo-riquezas, pudessem ser capazes de potencializar o mercado para as biojóias, acessórios e vestuários embasados em Jupatis, Patauás, Paxiúbas, Tentos, Fava-Arara-Tucupis e tantas outras que habitam a biodiversidade amazônica.

No entanto, é imperativo afirmar que o resultado de tais produtos se ancora em cada parte de um todo. É desse *totum* que a pesquisa florestal se constitui em um dos sustentáculos. É a ciência advinda de laboratórios que permitirá às gemas orgânicas amazônicas se tornarem mais longevas e seguras ao uso. A tecnologia poderá evitar que objetos hoje construídos de forma empírica maculem a imagem do Pará ao proliferarem

fungos e insetos e até causarem danos à saúde como alergias. Segundo Noemi Leão, pioneira nesses estudos, “o maior beneficiado seria o artesão”.

Desta feita unindo de forma holística meio, recurso e informação do ponto de vista ético, poderiam associar pesquisa aplicada, conscientização sócio-ambiental e alinhamento com tendências do mercado de moda, no sentido de apontar para o fortalecimento de todos os elos por onde passam as gemas orgânicas amazônicas da mata à moda.

Ficou patente ainda a percepção de que as pessoas físicas ou jurídicas que comercializam produtos calcados em gemas orgânicas amazônicas almejam o lucro rápido. Seja por necessidade, ignorância ou ganância, em nome desses ganhos, destroem a floresta, lesam os mais humildes e maculam o nome da Amazônia por meio de produtos que em poucos meses se tornam *habitat* de insetos e patógenos nocivos à saúde humana. Acorrentam a estética *hiléica* em objetos “regionais” compelidos a *souvenirs* facilmente descartáveis, enquanto a rica mítica paraense e todos os traços formadores de sua identidade poderiam se tornar veículos de demonstração de competência ao se democratizar recursos, aos atores interessados em realizar um trabalho sério em prol do desenvolvimento sustentável do estado do Pará.

Após a conclusão deste trabalho, um resumo do mesmo foi enviado ao SEBRAE, ao Polo Joalheiro e ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Ele foi enviado em sua totalidade à Universidade Federal do Pará e aos especialistas entrevistados. A intenção era lançar luz sobre as condições eco-sócio-ambientais no trato das gemas orgânicas amazônicas para o mercado de moda, e alertar para a imprescindibilidade de se criar alternativas que minimizassem os danos sócio-ambientais que maculavam a floresta e as pessoas que trabalham no ofício de beneficiamento das gemas orgânicas amazônicas.

Em recente evento capitaneado pelo Sebrae/PA, a questão das gemas orgânicas amazônicas para o mercado de moda foi amplamente debatida sob a ótica da interdisciplinaridade onde diversas instituições científicas se propõem a dar respostas a produtores que utilizam matéria prima florestal não madeireira em seu labor. Alguns pontos levantados na supracitada monografia de pós-graduação, defendida publicamente em outubro de 2006, foram colocadas no Workshop Tecnológico 2008 – Gemas e Jóias ocorrido no Pólo Joalheiro, em Belém, nos dias 27 e 28 de maio de 2008. O evento vinha sendo elaborado há quatro meses por um comitê tecnológico formado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Pará - UFPA, Museu

Paraense Emilio Goeldi - MPEG, Instituto de gemas da Amazônia - IGAMA, EMBRAPA, Universidade do Estado do Pará - UEPA e SEBRAE. Assuntos como certificação, limpeza, acabamento, adaptação às condições amazônicas, maquinário apropriado e processos químicos conservantes foram abordados diante na intenção de ofertar respostas tanto a produtores quanto a consumidores para que possam focar suas preferências de consumo no “mercado verde”.



Almira Martins. Especialista em Cultura de Moda pela Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local – UFPA. Parceira do Consórcio Bolsa Amazônia - Negócios Sustentáveis. Colaboradora da Revista Troppo - Sistema ORM. Participa das Semanas Nacionais de Moda. Elaborou o texto de apresentação do VII Concurso “Novos Estilistas” – 2008, promovido pela FIVP - PR, ministra cursos e palestras voltados para a área de Moda, Imagem e Mercado. É articulista do www.istoeamazonia.com.br. Tem diversos artigos publicados em periódicos, livros e anais. Currículo completo: Plataforma Lattes <http://lattes.cnpq.br/8036987426437522>